

Monarquias Ibéricas em Perspectiva Comparada (séculos XVI-XVIII)

**Dinâmicas imperiais e circulação
de modelos político-administrativos**

**Ângela Barreto Xavier,
Federico Palomo e Roberta Stumpf
(organizadoras)**



**Imprensa
de Ciências
Sociais**

Índice

Os autores.....	11
Pensar as Monarquias Ibéricas de forma comparada.....	17
<i>Ângela Barreto Xavier, Federico Palomo e Roberta Stumpf</i>	

Parte I

Quadros político-administrativos

1. A estrutura territorial das monarquias ibéricas.....	51
<i>Pedro Cardim e António Manuel Hespanha</i>	
2. El Patronato Real en la América Hispana: fundamentos y prácticas	97
<i>Ignasi Fernández Terricabras</i>	
3. O padroado da coroa de Portugal: Fundamentos e práticas	123
<i>Ângela Barreto Xavier e Fernanda Olival</i>	

Parte II

A administração civil

4. Prácticas de gobierno: instituciones, territorios y flujos de comunicación en la Monarquía Hispánica	163
<i>María Victoria López-Cordón Cortezo</i>	
5. As instituições civis da monarquia portuguesa na Idade Moderna: centro e periferia do império.....	209
<i>Maria Fernanda Bicalho e Nuno Gonçalo Monteiro</i>	
6. Las <i>poco</i> y las <i>más repúblicas</i> . Los gobiernos indios en la América española	237
<i>Ana Díaz Serrano</i>	
7. O império português face às instituições indígenas (Estado da Índia, Brasil e Angola, séculos XVI-XVIII).....	271
<i>Catarina Madeira-Santos</i>	

8. As finanças do rei de Espanha nas Índias. Estruturas administrativas, serviço régio e interesses familiares vistos a partir do vice-reinado da Nova Espanha	303
<i>Michel Bertrand</i>	
9. O governo da Fazenda no império português	325
<i>Susana Münch Miranda e Roberta Stumpf</i>	
10. Justicia y letrados en la América Ibérica: administración y circulación de agentes en perspectiva comparada	351
<i>Nuno Camarinhas e Pilar Ponce Leiva</i>	

Parte III

Administração militar

11. Ejército y reformas militares en la Monarquía Hispánica a ambos lados del Atlántico. Un análisis en perspectiva comparada (siglos XVI-XVIII)	387
<i>Antonio Jiménez Estrella e Francisco Andújar Castillo</i>	
12. Instituições, contingentes e culturas militares na monarquia portuguesa (séculos XV-XIX)	431
<i>Vítor Luís Gaspar Rodrigues e Miguel Dantas da Cruz</i>	

Parte IV

Administração eclesiástica

13. Las instituciones eclesiásticas en la Monarquía Hispánica.....	481
<i>Ana de Zaballa Beascochea</i>	
14. Estruturas eclesiásticas da monarquia portuguesa. A Igreja diocesana	513
<i>Evergton Sales Souza</i>	
15. La misión en los espacios del mundo ibérico: conversiones, formas de control y negociación	543
<i>Aliocha Maldavsky e Federico Palomo</i>	

Bibliografía	593
---------------------------	-----

Ângela Barreto Xavier
Federico Palomo
Roberta Stumpf

Pensar as Monarquias Ibéricas de forma comparada

O livro que aqui se apresenta propõe-se discutir, a partir de uma perspetiva comparada, as monarquias imperiais ibéricas entre os séculos XVI e XVIII. Ele resulta de um projecto de longa duração, financiado pela Casa de Velázquez e pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, e de um conjunto de encontros científicos, realizados entre Lisboa e Madrid, durante os quais foram discutidas as temáticas aqui apresentadas.

Dos debates desenvolvidos nesses encontros, tornou-se cada vez mais evidente que, apesar de volumosa a bibliografia disponível sobre o império espanhol e o império português e as suas arquitecturas político-administrativas, escasseavam os estudos que pensavam ambas as experiências em perspectiva comparada. Diferentemente do que acontece, aliás, com os impérios espanhol e britânico, em relação aos quais existe uma longa tradição comparativa,¹ ou das monarquias espanhola e francesa.² No que respeita à análise das monarquias ibéricas,

¹ Anthony Pagden, *Lords of all the world. Ideologies of Empire in Spain, Britain, France, c. 1500-c.1800* (New Haven: Yale University Press, 1995); John H. Elliott, *Empires in the Atlantic World, Britain and Spain in America, 1492-1830* (New Haven e Londres: Yale University Press, 2006); Jorge Cañizares-Esguerra, *Puritan Conquistadors. Iberianizing the Atlantic, 1550-1700* (Stanford: Stanford University Press, 2006); *Entangled Empires: The Anglo-Iberian Atlantic, 1500-1830*, ed. de Jorge Cañizares-Esguerra (Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2018).

² Jean-Frédéric Schaub, *La France espagnole. Les racines hispaniques de l'absolutisme français* (Paris: Le Seuil, 2003); *Las monarquías española y francesa siglos XVI-XVIII) ¿Dos modelos políticos?* Estudios reunidos por Anne Dubet y José Javier Ruiz Ibáñez (Madrid: Casa de Velázquez, 2010).

o volume *Comparing Empires* de John Hart constitui uma exceção, apesar de não totalmente conseguida, bem como o livro *Polycentric Monarchies*, coordenado por Pedro Cardim, Tamar Herzog, José Javier Ruiz Ibáñez e Gaetano Sabatini, ou ainda o clássico (e pioneiro) livro de Eulália Lobo, publicado em 1952, apesar de este se centrar, e apenas, nos territórios americanos, como acontece, aliás, com alguns outros livros com um pendor comparativo.³

Em diálogo com esta bibliografia, o livro *Monarquias Ibéricas em Perspectiva Comparada* privilegia a organização territorial destas monarquias, tanto do ponto de vista das jurisdições políticas como religiosas, da estruturação das administrações civil (e dentro desta, a administração «indígena»),⁴ militar e eclesiástica, bem como da circulação de modelos entre as duas monarquias e no interior delas. O enfoque privilegia a dimensão colonial destas administrações, muito embora em permanente diálogo com as instituições metropolitanas.

Disponer de uma análise dos quadros administrativos das duas monarquias é fundamental para o investigador que pretende estudar temáticas integradas. Como António Hespanha já demonstrou, os quadros jurídico-políticos e administrativos são variáveis críticas para entender os horizontes de acção dos agentes concretos e suas práticas, sem os quais se torna impossível compreender, por sua vez, a estruturação destes mesmos quadros⁵.

³ John Hart, *Comparing Empires: European Colonialism from Portuguese Expansion to the Spanish-American War* (Houndmills, England and New York: Palgrave/St. Martin's Press, 2003); *Polycentric Monarchies. How did Early Modern Spain and Portugal Achieve and Maintain a Global Hegemony?*, coords. Pedro Cardim, Tamar Herzog, José Javier Ruiz Ibáñez e Gaetano Sabatini (Eastbourne: Sussex Academic Press, 2012); Eulália Maria Lahmeyer Lobo, *Administração Colonial Luso-Espanhola nas Américas* (Rio de Janeiro: Editora Companhia brasileira de Artes Gráficas, 1952). Veja-se ainda *Comprendere le monarchie iberiche, Risorse materiali e rappresentazione del potere*, ed. de Gaetano Sabatini (Roma: Edizioni Viella, 2010); *Las Indias occidentales: procesos de incorporación territorial a las Monarquías Ibéricas*, ed. de Óscar Mazín e José Javier Ruiz Ibáñez (México: Colegio de México, 2012); Tamar Herzog, *Frontiers of Possession. Spain and Portugal in Europe and the Americas* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2015); *The Iberian World*, org. por Fernando Bouza, Pedro Cardim e Antonio Feros (Londres: Routledge, no prelo).

⁴ À falta de melhor palavra, e por uma questão de facilidade analítica, continuamos a utilizar o vocábulo «indígena», o qual reenvia, infelizmente, para uma teoria da história eurocentrada.

⁵ Entre a extensa bibliografia do autor onde esta questão é discutida, veja-se António Manuel Hespanha, *Como os Juristas Viam o Mundo. 1550-1750. Direito*,

Daí que explicitar a interdependência entre dimensões mais gerais, agentes concretos e práticas, quando pensada numa perspectiva comparada, cruzada e, até mesmo, conectada, permita compreender com mais rigor as gramáticas de cada uma destas experiências imperiais, e as suas dimensões concorrentes e divergentes, mais a mais tendo estas vivido sessenta anos ou quase noventa anos de União Ibérica (1580-1640/1668). Perceber em que medida é que esta se constituiu como um momento importante para entender as dinâmicas imperiais portuguesas e espanholas anteriores e futuras é também um desiderato deste volume.

Ao longo desta introdução, algumas características destas experiências administrativas serão destacadas: em primeiro lugar, aquela que constitui a espinha dorsal do livro – a constante tensão entre tendências unitaristas e particularistas, entre os séculos XVI e XVIII; depois, e em directa articulação com esta primeira questão, a transferência, inovação e circulação de modelos entre metrópoles e territórios imperiais, no interior de cada império, e no interior da própria Península Ibérica; segue-se uma reflexão sobre a mobilidade demográfica e a circulação de agentes, e suas características; terminando-se com um pequeno apartado sobre geografia e distância. Uma breve explicação sobre a estrutura do livro e a bibliografia completam estas páginas introdutórias.

Unitarismo e particularismo nas monarquias ibéricas da época moderna

O argumento central deste livro não é, em si mesmo, inédito, e reaparece na generalidade dos textos, bem como em vários lugares desta introdução: o de que existe nas duas monarquias ibéricas uma tensão, estrutural, entre unitarismo e particularismo, e a tendência, ao longo do tempo, para o primeiro prevalecer sobre o segundo.⁶

Estados, Coisas, Contratos, Ações e Crimes (S.l.: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2015), *maxime* 43-60.

⁶ No que diz respeito ao império português, o mesmo argumento foi desenvolvido, recentemente, no livro *O Governo dos Outros. Poder e Diferença no Império Português*, orgs. Ângela Barreto Xavier e Cristina Nogueira da Silva (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2016) e em *Um Reino e Suas Repúblicas no Atlântico: Comunicações Políticas entre Portugal, Brasil e Angola nos Séculos XVII e XVIII*, orgs. João Fragoso e Nuno Gonçalo Monteiro (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,

A sua novidade reside, sobretudo, na observação, em paralelo, da maneira como esta tensão se foi manifestando nos dois casos sob análise e como ela se expressou em tempos e espaços distintos; e na observação do modo como as experiências de monarquias vizinhas se contaminaram mutuamente.

Privilegiando a estrutura territorial das monarquias ibéricas, o capítulo de autoria de Pedro Cardim e António Manuel Hespanha, com o qual se inicia o itinerário, expressa bem esta tensão: de um modelo marcadamente particularista, característico do século xv, caminhou-se, nos dois casos, timidamente a partir do século xvi, em crescendo durante o século xvii, para concepções mais unitaristas dos espaços do império, cuja expressão se tornou muito visível no século xviii.

O período inicial, que podíamos balizar, tentativamente, entre meados do século xv e meados do século xvi, comum às duas monarquias, em que uma cultura política particularista prevaleceu, correspondeu, também, à construção de «espaços imperiais». Durante este período verificou-se, no contexto peninsular, um processo de «conquista» e agregação, com o recurso aos modelos jurídico-políticos de agregação disponíveis, *intra territorium* (a união de Castela e Aragão, e as conquistas de Granada, em 1492, e Navarra, em 1512) e *extra territorium* (territórios em África, nas «Américas», na Ásia – quer de Portugal, quer de Castela; mas também na Europa – da Monarquia Hispânica). Para o caso da expansão *extra territorium*, esta foi acompanhada por um conjunto de dispositivos legitimadores – as bulas papais, elas próprias testemunho desta cultura política particularista – aí se destacando a *Romanus Pontifex* e *Inter Caetera* atribuídas ao rei de Portugal e à Ordem de Cristo, em 1455 e 1456, e a *Piis Fidelium* e *Inter Caetera*, de 1493, atribuídas à coroa de Castela. Mas, e ironicamente, a delegação de poderes inicial significou um reforço do poder dos reis ibéricos, contribuindo, na longa duração, para

2017). Para o caso espanhol, a questão (unitarismo/particularismo) é tratada de forma implícita no *dossier* «Vencer la distancia: Actores y prácticas del gobierno de los imperios español y portugués», orgs. Guillaume Gaudin, Antonio Castillo Gómez, Margarita Gómez Gómez e Roberta Stumpf, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, mis en ligne le 02 octobre 2017, URL: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/71453>; e ainda em Guillaume Gaudin, *El imperio de papel de Juan Díez de la Calle. Pensar y gobernar el Nuevo Mundo en el siglo xvii* (Madrid-México: Fondo de Cultura Económica, 2017).